

IVAN VALE DE SOUSA

(Organizador)

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 3.287 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-13-0 DOI 10.22533/at.ed.130181308 1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins
comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

“NESTES MOMENTOS LÚGUBRES DE ONTEM”: LITERATURA E HISTÓRIA NAS PÁGINAS DE GUIMARÃES ROSA E NAS DE ERIC HOBSBAWM

Everton Luís Teixeira

Doutorando em Letras (Estudos Literários) pela
Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail:
evertonveredas@hotmail.com

RESUMO: Aproveitando o ano em que se celebram os setenta do aparecimento de Guimarães Rosa para o grande público e a proximidade do centenário de Eric Hobsbawm, esta comunicação lança um confronto de visões sobre um acontecimento específico do Século XX — a Segunda Guerra Mundial —, examinando-o, ora pela leitura histórica de Hobsbawm, ora pela ficção rosiana presente em algumas crônicas de *Ave, palavra* (1970). Enquanto para a história dos movimentos populares deste intelectual britânico o século passado nos legou uma Alemanha como imagem de incivilidade e de desintegração sociopolítica produzida, sobretudo, pela ganância do capitalismo, para o escritor mineiro, no entanto, este país não poderia ser reduzido apenas ao aspecto político ou a um espaço onde imperam a opressão despótica e um povo que a aplaudia. Rosa, cônsul no norte da Alemanha durante este período conflituoso, cultuava a música, a literatura e a própria língua germânica como referências de sua criação literária, e por isso resiste à força de Hitler edificando, no coração dos valores nazistas, uma anti-imagem da

Alemanha num momento em que o regime totalitário sombreava os aspectos culturais, substituindo a História pelo mito e silenciando as vozes contrárias aos rumos tomados pela *Deutschland* como pode-se observar nas personagens “ficcionalis” de Guimarães Rosa, pessoas comuns — tão importantes para a metodologia histórica do autor de *Tempos interessantes* (2002) — as quais, para o bem e para o mau, compuseram os contextos do nebuloso século XX. Assim, este trabalho busca, com base na pesquisa bibliográfica, uma interpretação que integre a Literatura e a sua análise crítica ao discurso histórico, uma vez que, seja dentro dos limites da imaginação literária, seja no interior da narrativa histórica, estas construções testemunhais estético-científicas, forjadas por Rosa e por Hobsbawm, propuseram e propõem, uma interpretação mais completa de épocas como estas nossas, verdadeiras Eras de catástrofes.

PALAVRAS-CHAVE: *Ave, palavra*; Eric Hobsbawm; Guimarães Rosa; Século XX.

ABSTRACT: Taking advantage of the year in which we celebrate the seventies of the appearance of Guimarães Rosa for the general public and the proximity of the centennial of Eric Hobsbawm, this communication launches, a confrontation of views on a specific event of the Century XX — World War II — examining

it, sometimes by the historical reading of Hobsbawm, or by the rosy fiction present in some chronicles of *Ave, palavra* (1970). While for the history of the popular movements of this British intellectual the past century bequeathed to us a Germany as an image of incivility and sociopolitical disintegration produced, mainly, by the greed of capitalism, for the writer from Minas Gerais, however, this country could not be reduced only to the Political aspect or a space where oppressive despotism prevail and a people who applauded it. Rosa, a consul in northern Germany during this period of conflict, worshiped music, literature, and the Germanic language as references to her literary creation, and so resisted Hitler's strength by building, in the heart of Nazi values, an anti-image of Germany at a time when the totalitarian regime shaded cultural aspects, replacing history with myth and silencing the voices contrary to the directions taken by *Deutschland*, as can be seen in the "fictional" characters of Rosa, ordinary people — so important for the Historical methodology of the author of *Interesting Times* (2002) — which, for good and bad, composed the nebulous twentieth century contests. Thus, this work seeks, based on the bibliographical research, an interpretation that integrates Literature and its critical analysis to the historical discourse, since, within the limits of the literary imagination, or within the historical narrative, these aesthetic-scientific witness constructions, forged by Rosa and Hobsbawm, have proposed and propose, a more complete interpretation of epochs like these ours, true Ages of catastrophes.

KEYWORDS: *Ave, palavra*; Eric Hobsbawm; Guimarães Rosa; Century XX.

Falar da Europa é aflitivo. Além do mais, ela nos deixa de consciência pesada: intelectuais, que fizemos por ela? Nada, ou quase nada. E ei-la diante de nós, massa de problemas espinhosos, sem solução verdadeira. Economia política, sociedade, cultura nada funciona ou se mexe de acordo com nossos desejos (BRAUDEL, 2002, p. 376).

INTRODUÇÃO

A intenção mais profunda deste trabalho é a de configurar uma espécie de panorama ocidental presente, e ainda pouco demonstrado, no interior da produção de João Guimarães Rosa (1908-1967). Demandando por esta margem de compreensão, o presente estudo se volta simultaneamente para dois pontos relevantes. O primeiro desses, é a busca por um tema ainda não explorado pela recepção crítica deste ficcionista, a saber, o diálogo frontal entre a produção do autor de *Sagarana* (1946) e a historiografia forjada por Eric Hobsbawm (1917-2012), em cuja leitura de ambos emerge tanto um retrato desolador do desmoronamento social da herança humanista legada pelo "jardim da cultura liberal" (STEINER, 1991, p. 15) — que foi o longo Oitocentos no Ocidente, como bem o definiu George Steiner nas páginas iniciais de seu *No castelo do Barba Azul* (1971) — no decurso do século XX, quanto o protagonismo do "homem comum" dentro das realidades factuais e ficcionais desse período.

Coincidentemente, o mesmo intervalo temporal que assistiu a queda do imperialismo colonial e a supremacia do Velho Continente no mundo, observou,

aturdido e boquiaberto, a ascensão de regimes autoritários no leste europeu os quais promoveram o retorno da barbárie das profundezas, espalhando pelo globo terrestre o medo e a violência a níveis sem precedentes na História do hemisfério que desde 1914 não encontrou uma forma tranquila de manter a paz segundo apontou Hobsbawm em entrevistas, conferências, ensaios e livros em que tratou destas e outras contradições e ambiguidades extremadas responsáveis por forjar nosso breve século passado.

Ao seguir nesta vereda, a segunda parada em que se finca esta análise é a tentativa de expansão do ainda curto caminho interpretativo de *Ave, palavra* (1970), coletânea que encontrou trajetória inversamente oposta na fortuna crítica rosiana, a qual — se colocada ao lado do romance *Grande sertão: veredas* (1956), que goza de uma das maiores recepções da literatura brasileira — denota-se que após mais de quatro décadas de sua edição *princeps* ainda não obteve a atenção minuciosa dos leitores especializados de suas cinquenta e seis narrativas poliformes, algo atestado em consenso pelos estudiosos do autor de *Primeiras estórias* (1962), entre estes, Jaime Ginzburg em seu “Guimarães Rosa e o terror total” (2010).

Organizada postumamente pelo intelectual e amigo íntimo do autor, Paulo Rónai (1907-1992), juntamente com outra obra de Guimarães Rosa, *Estas Estórias* (1969), o conteúdo de *Ave, palavra* não era totalmente desconhecido dos seus leitores, haja vista que uma porção destes já havia postos seus olhos sobre essas narrativas em periódicos como o *Correio da Manhã*, espaço onde o autor de *Tutaméia* (1967) as tinha trazido a lume no decurso dos anos de 1948 e 1967. Rompendo com a exclusiva ambientação sertaneja tão presentes em *Sagarana*, *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, esta coletânea reúne em suas 274 páginas o mergulho rosiano em outros rios literários, tais como oratórios, anotações feitas em visitas a zoológicos europeus — londrinos, parisienses e, predominantemente, os de Hamburgo — e fragmentos de diários.

Nestas duas últimas produções, o autor guarda impressões e metáforas das belezas que faziam da Alemanha entre o desfecho de 1938 e meados do ano seguinte, as vésperas dos tenebrosos combates que marcariam a primeira metade do século XX, se não um país agradável a um estrangeiro, ao menos interessante com seus castelos, seus templos, as suas pontes sobre o rio Elba, as paisagens de inverno que faziam da região saxônia um “dos lugares mais esplêndidos do Continente europeu” (ROSA, 2006, p. 158), como confidenciou Rosa em carta de 3 de julho de 1939 ao tio e também escritor Vicente Guimarães (1906-1981). Sem dúvida uma imagem muito mais cálida em comparação com aquela apresentada ao imigrante adolescente e órfão Eric Hobsbawm e seus tios cerca de oito anos antes — rememorada por este historiador no quarto capítulo de sua autobiografia *Tempos interessantes* (2002) —, quando estes chegavam a uma Berlim em erupção política e franco declínio econômico, fatores responsáveis por despertar os sentimentos de xenofobismo, anticomunismo e antissemitismo naquele povo pobre, conservador e que, progressivamente, passou a quase que só se interessar “por carros blindados e aviões de bombardeio” (ROSA,

2006, p. 153).

Atento aos movimentos históricos que no século passado obrigaram as sociedades ocidentais a fazerem uso da ambiguidade, Guimarães Rosa propôs em algumas narrativas curtas de *Ave, palavra* um embaralhamento de gêneros em prosa como a crônica e o conto. Nestes “cronicontos” há um espelhamento estético, já na forma, dos dúbios torneios que marcaram as diversas divisões nacionais em confronto ao longo de quase oitenta anos no “breve” século XX de acordo com Hobsbawm em seu título mais conhecido no Brasil, *A era dos extremos* (1994). Estas composições — como as demais produções deste ficcionista mineiro — lançam um grande problema para a recepção crítica do autor que é a dificuldade em delimitá-las nas fronteiras bem marcadas das categorias narrativas de gênero. A questão, a princípio, pode parecer insignificante, mas, em essência, não o é, haja vista que o leitor — conceito mais lembrado na Estética da Recepção de Hans Robert Jauss (1921-1997) — ao se debruçar diante de um texto seja este literário ou (inferência minha) de outra natureza como o histórico, o lê projetando sentidos previamente esperados dentro das tipologias textuais por intermédio dos conhecimentos de mundo apreendidos, nas palavras do autor de *Experiência estética e hermenêutica literária* (1992) este local de onde se lança o leitor é o seu “horizonte de expectativas”.

I

Dentro de seu universo diversificado, *Ave, palavra* enfeixa quatro narrativas que retratam o período entre os anos de 1938 e 1942, época em que Guimarães Rosa exerceu um papel perigoso dentro do consulado de Hamburgo em prol da humanidade, o de driblar as exigentes normas antissemitas fixadas não somente pelo Brasil, tornado um regime ditatorial com a implantação do Estado Novo de Getúlio Vargas (1882-1954) um ano antes, mas por quase todas as Embaixadas latino-americanas por todo o Velho Continente. Este momento coincide com o completo domínio da Alemanha pela figura onipresente de Adolf Hitler (1889-1945) e o avanço do terror promovido pela sua extrema esquerda, a qual lançaria o mundo na guerra total declarada por este país germânico às minorias e aos antigos inimigos de 1918, a Inglaterra, a França e a Rússia.

Na sequência imposta por Rónai — que se defende desta escolha afirmando no prefácio da primeira edição de *Ave, palavra* ter aplicado os mesmos métodos e critérios deixados pelo autor de “Campo Geral” em suas pastas de anotações para esta miscelânea — estas composições aparecem dispostas na seguinte ordem “O mau humor de Wotan”, que abre o volume e que por motivos espaciais não será abordada neste artigo, “A velha”, “A senhora dos segredos” e “Homem, intentada viagem”, em cujo enredo trata de um certo José Osvaldo, personagem econômica de palavras, gestos e posses que evita, sempre que lhe é possível, retornar para o Brasil, preferindo em seu mistério existencial sempre rumar como um naufrago pelo Leste europeu em guerra e que, ao ver seu objetivo inúmeras vezes frustrado, opta por se

lançar nas águas da Baía da Guanabara, demandando para si uma “terceira margem”, uma saída contrária à odiosa pátria e à tão almejada Europa.

As três primeiras narrativas citadas acima, extraindo-se, obviamente, a figura do narrador homodiegético, são todas encenadas por mulheres, a outra parte dos indivíduos comuns, os quais na interpretação de Eric Hobsbawm acerca do século XX foram, em verdade, os grandes protagonistas históricos dessa época e também as maiores vítimas deste período nebuloso. Apesar de o século passado ter acenado com a construção de uma longa avenida de conquistas para o sexo feminino, tais como a igualdade de direitos com o sexo oposto, o acesso ao exercício profissional — que curiosamente se daria pelo “esforço de guerra” (HOBSBAWM, 2000, p. 146) — e o avanço da cidadania pelo uso do voto, a emancipação, no entanto, não alcançou todas estas filhas de Eva ao redor do globo, o que levou o autor de *Sobre história* (1997) a diagnosticar em 1999 que “[u]ma emancipação maior das mulheres será uma das marcas do próximo século. [...] Desse ponto de vista, a emancipação feminina só deu o primeiro passo, pois ainda não afetou a maior parte da população mundial” (HOBSBAWM, 2000, p. 148).

Desta forma, continua atual a convicção elaborada por Schlegel (1772-1829) — lembrado por Gerd Bornheim (1929-2002) — e adotada pelos românticos oitocentistas de que o ideal revelado abstratamente pela filosofia (e gostaria de acrescentar neste debate a esperança dos historiadores sociais) é realizado pela arte literária que faz de Guimarães Rosa relevante tradutor da História contemporânea, representando esteticamente, com base em conhecimentos e memórias cultivadas em suas observações, o mundo e os indivíduos envoltos em um período de guerras e de poucos e incertos intervalos de paz, cujas manifestações de violência e de barbárie lançaram o Ocidente numa acelerada transformação de difícil compreensão e que, inevitavelmente, precisa cruzar os caminhos da Guerra que, nas palavras de Hobsbawm, se constituiu na maior marca dos anos noventa, sem a qual

[n]ão há como compreender o Breve Século XX. [...] [Este século] viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calaram e as bombas não explodiam. Sua história e, mais especificamente, a história de sua era inicial de colapso e catástrofe devem começar com a guerra mundial de 31 anos (HOBSBAWM, 1995, p. 30).

Ainda que expressamente não tenha levantado bandeiras à direita ou à esquerda, algo invulgar no período ideologicamente bipolarizado em que viveu, sobretudo na década de 1930 quando “a esquerda atraía os membros intelectualmente mais brilhantes” (HOBSBAWM, 2002, p. 138) nas universidades europeias, este ficcionista, seja como cônsul adjunto, seja como escritor, se lança em defesa do homem comum, não se permitindo, portanto, “presenciar injustiças” (ROSA, 1973, p. 334), para isto, arquiteta no conjunto de sua ficção, ambientada ou não em solo sertanejo, uma atitude excepcional em prol da liberdade, como pede Walter Benjamin (1892-1940), e contra a forjadura do contingente de excluídos dos regimes políticos adotados pelos Estados

totalitários. De acordo com as notas preliminares de Paulo Sérgio Pinheiro, expostas em “Estado e terror” — artigo inscrito na coletânea *Ética* (1992) — além das graves violações dos direitos humanos, outra violência que se apresenta no *esquizofrênico* Estado moderno é a prática de segregações de grupos, o que leva este estudioso a pensar que

[o] mais democrático dos Estados é sempre regime de exceção para enormes contingentes. Loucos, prostitutas, prisioneiros, negros, hispânicos, árabes, curdos, judeus, ianomâmis, aidéticos, homossexuais, travestis, crianças, operários irão nascer e morrer sem terem conhecido o comedimento do Leviatã. As graves violações dos direitos humanos pelo Estado revelam a rotina do Terror no cotidiano das populações. (PINHEIRO, 1992, p. 193)

Pelo menos cinco dessas categorias citadas são catapultadas pela elaboração estética rosiana de suas margens sociais onde atuam como figuras degradantes e passam, ou a protagonizar o enredo das narrativas, ou — o que não deve ser considerado de pouca relevância — configuram papéis importantes para a economia literária de suas obras, as quais, a sua maneira muito peculiar enfrentam a grande preocupação que envolveu a todos os intelectuais engajados do século XX, “o problema do mal”, como nos é recordado em *Reflexões sobre um século esquecido* pelo historiador Tony Judt (1948-2010).

II

Atendendo a uma necessidade de entendimento cronológico da história, esta monografia perverte a ordem estabelecida por Rosa e, posteriormente, Rónai para os “cronicontos” de *Ave, palavra* e começa sua análise pelo exame de “A senhora dos segredos”, narrativa em que somos levados de automóvel pelo cônsul Guimarães Rosa e sua então namorada “Ara”, Aracy Moebius de Carvalho (1908-2011), até o distrito de Volkstorf, localizado a nordeste de Hamburgo, no primeiro semestre de 1939 devido a uma ocasião banal — como convém ao início de uma crônica propriamente dita —, levar três moças naturais de regiões ocupadas pelo regime nazista para consultar uma astróloga respeitada, *Frau Heelst*, a “senhora” do título, afamada por ser “horoscopista de Hitler” (ROSA, 1970, p. 210), então senhor da Alemanha.

Esta fama atribuída à personagem não deve ser vista como ridícula, uma vez que o próprio *Führer* escolheu para raízes da doutrina nazista o seu excessivo ocultismo, o qual para deitar sobre si a imagem de um eleito, amalgamava postulados esotéricos, lendas medievais como *O Santo Graal*, a música de Wagner (1813-1883) e a mitologia nórdica — elemento lembrado por Guimarães Rosa ao identificá-lo com o irascível deus Wotan em outra composição de *Ave, palavra*. Toda esta “ideologia” muito bem divulgada pelo talento de seu Ministro da Propaganda Paul Joseph Goebbels (1897-1945) que é mencionado nesta narrativa, uma das pouquíssimas concessões abertas pelo narrador à cronologia, em sua tentativa de manipular, pela informação e convencimento, as massas populares da Alemanha contra a Polônia por meio de uma acusação improvável de que em maio de 1938 esta nação estaria promovendo

barbaridades contra os cidadãos germânicos na cidade de Danzig.

Apesar da ambientação do assunto ser o esoterismo, não obstante, o verdadeiro alvo da crítica rosiana ao *establishment* alemão recai sobre a tese de “pureza ariana” tão cara aos nacionais-socialistas que enxergavam na miscigenação uma decadência histórica dos povos e que, para a grandeza do povo alemão deveria ser evitada e extirpada, haja vista a necessidade do uso da mentira acerca da real naturalidade daquela tríade de visitantes tão singulares formada por Lene Speierova, Ulrike Wah e Grétel Amkle, o que atrapalhou significativamente o exercício sério da astróloga (“Em concentração de matemático e não de vidente”), a qual, para surpresa do narrador, não fazia uso do expediente cabalístico tão comum em possíveis charlatões.

— Assim, minha filha, as indicações que me deu devem ter sido de algum modo inexatas. Nasceu mesmo às 6 da manhã, e em 1915?

Rápida, foi Ulrike Wah quem apontou o erro: Grétel não era de Erfurt, como desatentamente dissera, mas nascida em Dar-as-Salaam, na África Oriental, de onde teria vindo menina (ROSA, 1970, p. 211).

Tal comportamento destas jovens sedentas por encontrar o amor conjugal não pareceu incomodar Rosa e as demais participantes deste encontro, no entanto entre duas destas moças, Lene (sudeta) e Ulrike (da região dos Balcãs), havia se desenhado um sentimento de “antipatia limpa, quase de tribo a tribo, inevitável, e que agora parecia afiar-se em pequenino ódio, dos mais hostis” (ROSA, 1970, p. 211) espelhando a crescente atmosfera beligerante que pairava sobre as cabeças europeias no final de 1930.

Contrariando simultaneamente a cegueira de uma parcela dos críticos que o viam como alienado em relação aos problemas sociais em suas páginas e a debilidade dos Aliados como a Inglaterra, a qual acreditou até o último instante nas intenções hitleristas de manter a paz conforme cada reivindicação territorial e militar sua fosse plenamente atendida, Guimarães Rosa, confiando na seriedade de *Frau Heelst*, procura a astróloga uma segunda vez para sugerir que ela investigue o destino no intuito de descobrir o que de macabro este reservava para o III Reich e para o restante do mundo.

Não obstante, ainda não era a hora do deus da balança revelar tudo o que sabia e escondia e assim, como o restante do povo alemão, o terceiro olho da horoscopista estava temporariamente fechado para a grande noite que toldaria o Velho e atribulado Continente. A brava *Frau Heelst* — talvez mais inclinada aos encantos de Afrodite, cujas filhas formavam a sua carteira de clientes, — ignorava a pujança de Marte que até aquele momento nada lhe trazia financeiramente. Quando a grande noite de Hitler já podia ser vista pela astróloga e por toda a Europa era, como rememora Hobsbawm, “tarde demais para ter medo” (HOBSBAWM, 2002, p. 174) e já não mais adiantava contar em 21 ou 22 de agosto de 1939 com o auxílio de seu conhecido cônsul brasileiro e de sua companheira Aracy, a qual — em sua função de encarregada do serviço

de passaportes do consulado-geral de Hamburgo — assinalou, juntamente com o futuro marido Guimarães Rosa, o seu nome na história ao proteger dezenas de vidas, remediando, de alguma forma “o que os políticos arruinaram” (ROSA, 1973, p. 334).

A guerra começa em 1º de setembro, cerca de doze dias após a desesperada ligação de *Frau Heelst* pedindo ajuda para emigrar para o Brasil, destruindo vidas e projetos de soldados e de civis como as personagens históricas ou fictícias conhecidas pelo universo rosiano. Mulheres como cartomante de Hitler e “*damme Verônika*”, inscrita no croniconto “A velha” depositaram suas derradeiras esperanças e augúrios de sobrevivência no *double* de cônsul e escritor mineiro e em um país sobre o qual pouco ou nada conheciam. Enganaram-se duplamente, o manto negro da violência e das práticas de desumanidade já cobria também o Brasil na década de 1930 por uma revolução na mais desenvolvida cidade do país, mas há mais tempo em suas regiões mais remotas, como nas zonas predominantemente rurais do Nordeste brasileiro retratadas por Rosa em seu *Grande sertão*.

III

Dentre os diversos impactos político-sociais ocasionados por estes perigosos tempos e examinados pela historiografia de Hobsbawm estão os problemas da migração em massa, seja por motivos como a fuga de um genocídio ou devido a uma “faxina” étnica. Em ambos, todavia, o resultado são consequências políticas graves no âmbito internacional, as quais acabam caindo primeiramente nas mãos diplomáticas dos embaixadores, como ficcionaliza Guimarães Rosa em outro episódio comovente de sua experiência no consulado de Hamburgo — cidade a qual chegou coincidentemente enquanto ocorria a deflagração do primeiro ato da perseguição alemã aos judeus, a famigerada “Noite dos cristais” (*Reichskristallnacht*), — descrito em “A velha”, cujo enredo nos mostra um Rosa atarefado em mais um dia de exaustivo trabalho no consulado a muito invadido por judeus “famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio” (ROSA, 1970, p. 108), tal como fez um desesperado Walter Benjamin nos territórios da Espanha em 1940.

Em meio a balbúrdias como esta e que se tornaram cotidianos em diversos consulados e embaixadas latino-americanas, o narrador recebe o telefonema de Verônika Wetterhuse, uma idosa quase centenária que solicita a visita deste cônsul à sua casa. Depois de inúmeros adiamentos, o narrador decide ir ao encontro desta personagem que — diante de outras quatro idosas suas parentes, dentre estas a sua filha Angélica, — se despe de um segredo familiar, o seu adultério com um amigo brasileiro de seu marido, em um período de mansidão em que o casal Káspar Wetterhuse vivia em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Na esperança de salvar a teuto-judaica filha de um crime de ódio racial ou outra “hitlerocidade” (ROSA, 1970, p. 108) — expressão forjada por Guimarães Rosa fundido, com bem faz o idioma germânico, duas palavras independentes, “Hitler”

e “atrocidades”, em um outro verbete, totalmente inédito — cometida contra uma “mischling, ‘mestiça do primeiro grau’, segundo o código hediondo” (ROSA, 1970, p. 110), como os campos de extermínio espalhados pela Polônia e por outros espaços do continente europeu e lembrados dolorosamente pela *Shoah*, esta senhora abre mão de seu pejo, revelando seu crime conjugal. Impossibilitado de comprovar esta possível nacionalidade germânico-brasileira, devido ao afastamento temporal do fato, o narrador fica diante de uma bifurcação moral, pois não sabe se acredita ou não na veracidade desta história que muito bem poderia ser um artifício engenhoso de uma mãe para salvaguardar sua filha. Desta forma, o diplomata nega, oficialmente, o pedido de visto sem o enorme “J”, carimbo obrigatório para judeus emigrarem da “grande fortaleza” Alemanha, para a filha de *damme* Verônika, atendendo as normas diplomáticas vigentes, mas não concluída esta composição estética, é possível forjar um desfecho diferente para o caso.

O desprendimento do cônsul-adjunto em ajudar os judeus que fugiam daquele espaço adverso às suas existências não poderia ser revelado em 1961, ano em que esta narrativa foi publicada e Guimarães Rosa ainda era funcionário a serviço do Itamarati, desta maneira a real decisão do autor de *Primeiras estórias* deve ser compreendida por meio de sua habilidade artística com a palavra saudada deste o título desta obra. Se, de acordo com Antonio Candido, a crônica

[n]a sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição” (CANDIDO, 1979, p. 5).

no conto, que se mistura na estrutura desta narrativa, o ficcionista leva esta humanização as últimas consequências, só possível de ser percebida pelo jogo libertador da linguagem.

Um leitor com olhos de lince perceberá um dado curioso e, em se tratando de Guimarães Rosa, extremamente significativo, a mudança na grafia do nome das personagens femininas principais, de *Dame* Verônika e *Dame* Angélika para, gradualmente dona Verônica e dona Angélica. Estes abasileiramentos não são gratuitos e na produção rosiana tanto podem representar o desaparecimento do indivíduo — algo que se estabelece em “Homem, intentada viagem” —, quanto uma alteração de uma condição ou personalidade. Assim, estas personagens puderam renascer guardadas todas as suas memórias e experiências testemunhadas durante o período em que o Ocidente estava em colapso.

CONCLUSÃO

A proposta histórica apresentada é a do homem comum. Esta herança sabiamente marxista de um estudo de uma tradição de baixo para cima, presente na produção historiográfica de Eric Hobsbawm, surge diluída nas narrativas ficcionais de

Guimarães Rosa. Talvez isto ocorra por decorrência de suas obrigações na diplomacia brasileira, talvez por suas preocupações no âmbito metafísico para o qual convergiam as reais necessidades do indivíduo como o escritor revelou ao crítico Antonio Candido (cf. CANDIDO, 2011, p. 22) na segunda metade da década de 1960, momento em que o autor de *Tese e antítese* (1964) expunha os motivos que levavam este a se afirmar como socialista.

O ponto de partida deste exame foi, primeiramente, o interesse que sempre acompanhou os estudiosos de João Guimarães Rosa, a saber, o desejo de ampliar continuamente a discussão em torno da escrita deste autor brasileiro, repensando alguns aspectos envolvidos na inter-relação entre a Literatura, a História e o desenvolvimento das sociedades no decurso do século passado. Desta maneira, a presente comunicação se oferece como uma síntese de minhas análises dos diálogos tecidos entre algumas correntes dos estudos históricos forjadas na contemporaneidade — tais como a história social e as abordagens culturais as quais, em suas metodologias, defendem de maneira vigorosa a investigação do fato — e a elaboração estética do real factual tanto da Alemanha no período de implantação do Terceiro *Reich* na década de 1930.

Não só nas páginas do *Grande sertão: veredas*, como nos “crônicontos” enfeixados em *Ave, Palavra*, Guimarães Rosa aproxima-se dos métodos da pesquisa histórica focando a sua escrita nas experiências sociais daquelas grandes personagens do século XX, “as pessoas comuns” que em sua eterna mobilização muda[ra]m consideravelmente o cenário deste breve século ao assumirem, inclusive papéis relevantes dentro da “administração da coisa pública” (HOBBSAWM, 2000. p. 46).

Dentro da recepção crítica rosiana, alguns poucos trabalhos versaram sobre estes signos sombrios da contemporaneidade ocidental e nenhum promovendo, como na pesquisa desenvolvida por mim no PPGL da UFPA, um estudo realmente comparatista entre as obras de Guimarães Rosa e Hobsbawm, dois grandes intérpretes de sua época.

Assim, o ato de narrar — derradeiro recurso de sobrevivência, na Alemanha tomada pelo terror da extrema direita — mostra-se relevante tradução artística de um pacto estabelecido entre os fios literários e os factuais na trama da compreensão da História recente em que o desmoronamento de impérios europeus e ilusões ocidentais foram refletidos na análise de dois personagens históricos, os quais protagonizaram o breve século passado, seja nas laudas historiográficas de Hobsbawm, seja na prosa poética de Guimarães Rosa, a mulher e o homem comum, ambos em longa travessia pelo desconhecido futuro, demandando tão somente por suas sobrevivências em meio a experiências pessoais que escreveram as páginas universais da história da catástrofe.

REFERÊNCIAS

BRANDEL, Fernand. *Reflexões sobre a história*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BORNHEIM, Gerd. Filosofia do Romantismo. In: GUINZBURG, J. (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CANDIDO, Antonio. In: *Depoimentos sobre João Guimarães Rosa e sua obra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. A vida ao Réz-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de [et alii]. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1979.

GINZBURG, Jaime. Guimarães Rosa e o terror total. In: CORNELSEN, Elcio; BURNS, Tom (Orgs.). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010

GUIMARÃES, Vicente. *Joãozito: a infância de João Guimarães Rosa*. 2. ed. São Paulo: Panda Books, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *O novo século: entrevista a Antonio Polito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUDT, Tony. *Reflexões sobre um século esquecido (1901-2000)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estado e terror. In: NOVAES, Adauto. *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROSA, João Guimarães. Diálogo com Guimarães Rosa. In: LORENZ, Günter W. *Diálogo com a América Latina*. São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária, 1973.

_____. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

STEINER, George. *No castelo do Barba Azul: Algumas notas para redefinição da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.